

Ensaio real

(EDITORIAL)

O diretor de assuntos internacionais do Banco Central, Gustavo Franco, lança nesta terça-feira, em São Paulo, seu livro "O Plano Real e Outros Ensaio", no qual faz um apanhado das teses que dividiram os economistas antes da implantação do real e ao longo dos primeiros seis meses de vigência da nova moeda.

No prefácio da obra, o presidente Fernando Henrique Cardoso destaca algumas características do autor - segurança, competência e erudição - e expressa sua admiração pelas contribuições de Gustavo Franco durante os debates que levaram à criação da URV e do Plano Real.

A leitura da obra é recomendada a quem quer refletir com maior profundidade sobre os complexos problemas econômicos brasileiros. Mais polêmico entre os técnicos que integram a equipe econômica, Gustavo Franco afirma, entre outras 'coisas, que o Plano Real promoveu um profundo reordenamento social e que gerou um impulso renovador na sociedade brasileira.

Concorde-se ou não com as afirmações do economista, é importante que os debates teóricos no interior do governo cheguem ao conhecimento do grande público para melhor balizar as opiniões, contrárias ou favoráveis ao plano de estabilização. Aparentemente, ninguém discorda de que o Plano Real foi positivo para o Brasil. Afastou-se o perigo de hiperinflação. Foi destruída uma cultura baseada na indexação implacável, que avançava por ciclos, entre- cortados por planos econômicos em geral mal sucedidos.

No entanto, o paraíso que se descortinou nos primeiros meses do Plano, e que explodiu numa orgia consumista no trimestre inicial deste ano, está agora em xeque. Tudo indica que o consumo despencou não só por que o governo adotou medidas restritivas de crédito. Mal acostumado ao financiamentos, porque durante muitos anos esteve impedido de fazer compras a prazo, o brasileiro endividou-se além do razoável.

O Plano Real, como quer Gustavo Franco, representou um grande avanço, sem dúvida. Mas o caminho que se descortina pela frente ainda é muito longo e áspero. As profundas distorções acumuladas ao longo de décadas não serão vencidas facilmente.

Heterodoxos ou ortodoxos, como Gustavo Franco, os economistas brasileiros, cujo passatempo preferido é a discordância ruidosa nas páginas dos jornais, parecem estarem de acordo em apenas um ponto: os

sacrifícios que o país tem pela frente serão ainda maiores dos que os vividos ao longo deste primeiro ano de real.